

MARIA WERNECK DE CASTRO - UMA VIDA PELA ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA.

Dulce Nascimento

<dtnascimento@terra.com.br>

Falar de Maria Werneck de Castro é contar a história da ilustração científica no Brasil, não só através de suas pranchas, mas também das pesquisas e escritos que nos legou. Além disso, foi uma voz em defesa da flora brasileira numa época em que a defesa do meio ambiente hoje tão debatida, era algo “fora de moda”, num contexto de industrialização e “progresso” do país.

Uma personalidade ímpar, que tinha como instrumentos a ousadia e a coragem, além de uma visão adiante de seu tempo, essa contemporânea da inglesa Margaret Mee, entretanto é pouco conhecida entre os brasileiros que não pertencem à comunidade científica e até mesmo nesse meio.

Em contrapartida, seu nome figura internacionalmente entre os mais conceituados de sua área, tendo pessoalmente doado inúmeras de suas pranchas a museus do exterior, mas em 1994, alertando-se a tempo fez a doação das pranchas que lhe restaram à Biblioteca Nacional, salvando-se assim, parte de seu inestimável acervo, para o Brasil e brasileiros.

Em 2005, por ocasião de seu centenário, o escritor e jornalista Moacir Werneck de Castro, irmão mais novo de Maria Werneck, organizou dois livros: um sobre sua vida e obra, *Natureza Viva*, editado pela Fundação Biblioteca Nacional e outro *No Tempo dos Barões - A menina do Abaíba*, onde reúne textos e observações da artista sobre o apogeu e declínio do café, a partir da vivência em fazendas da família em Vassouras, Rio de Janeiro, este pela editora Bem-Te-Vi.

Mas a história desse verdadeiro ícone para a ciência, tem suas origens ainda em Blumenau, onde viveu dos 10 aos 20 anos e foi aluna da professora Alice Werner, aprendendo a técnica do crayon contè. Levava consigo a primeira infância da terra natal, Vassouras no Estado do Rio de Janeiro, lugar em que o fogo das queimadas, despertou-lhe a voz em defesa da natureza.

Aos 30 anos, morando no Rio de Janeiro, foi trabalhar na Caixa Econômica Federal. Em 1940, uma amiga médica a convidou para fazer desenhos de anatomia patológica. Foi assim, que ao trabalhar para o drs. Paulo Niemeyer e Fernando Paulino, entre outros cirurgiões, documentou passo a passo as incisões no momento em que eram realizadas. Foi lá que conheceu Raymundo Honório, que fazia desenho patológico para o Instituto de Manguinhos e ao perceber seu talento, tornou-se seu professor nesta matéria. Às vezes, para espanto do irmão mais novo, levava para casa cubas com alguns órgãos como; coração e pulmão, para observar melhor e desenhá-los.

Sua auto-exigência e rigor estético e ético chamavam atenção em tudo aquilo que se propunha a fazer. Foi assim, que foi convidada para participar da criação de Brasília, como funcionária da Caixa Econômica Federal.

O Planalto Central de então, era um deserto, próprio de uma cidade em construção. E foi ali, muitas vezes sem o material adequado, que aos 54 anos e até o final de sua vida, tornou-se mais do que uma ilustradora botânica, antecipando o futuro, a voz em defesa da preservação ambiental e da biodiversidade brasileiras. Foram dela os primeiros gritos contra o desmatamento, foram dela também os primeiros registros da vegetação do cerrado. Surpreendendo a todos, essa senhora já na meia idade, decidiu comprar um jeep e percorrer as matas de então para desenhar as plantas nativas e em especial as Dorstenias, que ilustram fartamente o livro Natureza Viva.

O resultado encantador e a precisão com que registrava tudo aquilo que via e estava ameaçado de extinção, muitas vezes ali no cerrado era traçado em papel inadequado. Mas acostumada ao imprevisto e absoluta em sua determinação de registrar cada uma daquelas espécies, riqueza natural e patrimônio vivo do país, Maria Werneck se utilizava dos meios que dispunha, até papel de pão para registrar aquele ecossistema que tanto a encantou, chegando mesmo a ser chamada de “dama das Dorstenias”, como podemos constatar no livro Natureza Viva.

Tudo isso feito por uma ilustradora científica que construía um “campo cirúrgico” para fazer seu desenho, utilizando-se de um pano de linho para enxugar o pincel, evitando fibras de papel absorvente, protegia as tintas da poeira com uma capa feita por ela mesma. Escolhia tintas Winsor & Newton, para precisão de cores e criava o espaço de trabalho onde pudesse ter a concentração absoluta. Enfim todos os detalhes essenciais para que as informações contidas na prancha pudessem servir ao pesquisador com toda a precisão que lhes é exigida.

Essas condições ideais para a ilustração botânica, aconteciam no Rio de Janeiro, em Copacabana, onde morava sozinha. Lá, havia um quarto especialmente reservado para esse trabalho. E foi justamente esse compromisso para com a ciência que teve desenhos expostos na Hunt Botanical Library, adquiridos pela Carnegie Mellon University de Pittsburgh, na Pensilvânia. Em 1970 participou da exposição do Japan Science Association, em Tóquio e em 1973 da Exposição de Arte Botânica de Johannesburg, que comemorava o centenário do Jardim Botânico da Cidade do Cabo e no mesmo ano da 1ª Exposição Internacional da África do Sul.

Com as *Dorstenias*, foi convidada a expor em 1986 no Herbário Marcgraf do Jardim de Kopenhagen e no Museu Kuhlmann do Jardim Botânico do Rio de Janeiro no ano seguinte, além de uma exposição na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

Mas a fama não seduziu essa apaixonada defensora da natureza e de sua preservação que a fez dedicar-se desde 1981, quase que com exclusividade à ilustração da flora em extinção. Aposentada, e de novo morando no Rio de Janeiro, em 1972 conheceu o renomado botânico, Pedro Carauta, do Museu Nacional, especialista na família Moraceae: *Ficus* e *Dorstenias*, nascendo então uma amizade que a fez observar, desenhar e pintar as *Dorstenias* (nome popular de caiapiá), motivada pela ameaça de extinção que pesava sobre elas.

Conduzida por Pedro Carauta, passou a freqüentar o Centro de Botânica da Feema, e a conviver com os botânicos de lá. Maria Werneck, nesta época tinha 70

anos e foi na Feema, hoje o Serviço de Ecologia Aplicada, que nos conhecemos, quando fui estagiar com a ilustradora botânica Vânia Aída.

E foi desse modo que me tornei sua aluna, apesar dela própria, que generosamente abria as portas de sua casa para os jovens ilustradores de então, recusasse o título de “professora”, embora representasse para nós seus discípulos, exemplo a ser seguido ao longo de nossas vidas profissionais.

Possuidora de uma vasta cultura, Maria Werneck atraía um verdadeiro time de intelectuais que lhe admiravam muito além de seu trabalho precioso e preciso, a ousadia e coragem, além da finura e delicadeza com que recebia amigos e tratava as pessoas à sua volta. Entre os intelectuais da época, conheceu o orquidófilo Guido Pabst, o botânico Ezequias Paulo Heringer - Professor da UnB e criador do Parque Nacional de Brasília, o arquiteto Alcides da Rocha Miranda - na época coordenador do Instituto Central de Arte, ao lado de Darcy Ribeiro, além do educador Anísio Teixeira. Todos eles, orgulhosos de fazer parte de um seleto grupo que privava de sua amizade.

Tornou-se amiga também do diretor de teatro Paschoal Carlos Magno, com quem viveu aventuras em Brasília e do diplomata Rubens Ricúpero, apenas para citar alguns nomes importantes da intelectualidade brasileira de então, que lhe reverenciavam a vivacidade e o acúmulo de saber, aliados a uma agradável companhia.

Modesta, Maria Werneck de Castro, não se preocupava com os louros ou holofotes sobre sua figura. Ao contrário, mantinha com clareza a preocupação para com a ciência, a verdadeira estrela de todo o seu trabalho.

Dotada de incansável força de trabalho, e com o intuito de chamar a atenção para a riqueza e biodiversidade de seu país, demonstrando uma saúde civil, raramente manifesta por aqueles que dele deveriam cuidar. Incomparável, Maria Werneck de Castro enfrentou aos 70 anos viagens à Antártida e Japão, com

intuito de conhecer esses lugares que lhe despertavam curiosidade. E mais uma vez, fez sozinha por sua conta e risco essa aventura desta vez como turista.

O pioneirismo, a ousadia e a coragem, além da permanente busca pela excelência, certamente foram fatores que a fizeram “caber” no contexto da mudança de capital do país, refletir sobre aquele fato histórico, do qual fazia parte importante e questionar uma destruição com grande poder agressivo. Suas armas? Papéis, pincéis, água, tinta, lupa, compasso e muita determinação, memória viva e pulsante, relevância de atitudes e propósitos só de quem, como ela, poderia liderar.

Foram esses os requisitos com os quais brindou e orientou diversos de seus alunos, hoje profissionais da área, bem sucedidos, muitos deles com a experiência em Kew Gardens na Inglaterra, fruto do legado de Margaret Mee, uma vez que para lá foram, através de bolsa anual concedida pela Fundação que levava o nome da inglesa.

Ao mesmo tempo em que imprimia disciplina e rigorosa exigência com aqueles, que como eu tiveram o privilégio de seu contato, Maria Werneck de Castro, tinha com seus alunos enorme paciência e doçura. E até mesmo o chá que nos servia nos intervalos do árduo trabalho, continha a delicada simplicidade da sofisticação, tão espontâneos em sua personalidade marcante.

Pessoalmente, carrego comigo até hoje, pequenos mas significativos detalhes da viagem à Washington. Ali, levando pranchas de alta qualidade, por ela escolhidas, especialmente para a ocasião e desenhadas por ilustradores, meus alunos. Pude perceber naqueles poucos dias o quanto de abnegação era necessário para exercer ciência com arte, como aprendi com ela.

Começava pela escolha dos godês de porcelana de origem japonesa, pincéis da marca Sennelier, e papel e passe-partout de ph neutro, para evitar fungos, instrumentos que colaboravam sem dúvida para excelência de seu trabalho.

Hoje temos o livro Aquarela - espécies em extinção, que foi lançado no Yatch Club do Rio de Janeiro, livro patrocinado pela Shell e que contou no dia do seu lançamento com a presença de Margaret Mee, que em comum com Maria Werneck, foi defensora da flora brasileira.

Tive também o privilégio de privar de sua intimidade, fato do qual me orgulho, com a certeza de ter não apenas escolhido o melhor dos meus caminhos profissionais, como também de compreender a amplitude para o coletivo, a partir de inserções individuais, buscando além da perfeição do retrato, a verdade de cada forma, volume, textura, cor, partes e o todo em tudo.

Maria Werneck podia ver o todo em tudo, ou tudo aquilo que compõe o todo, mas muito além do seu preciso traço, da sua luz quase perfeita, das cores e texturas, com limpeza impecável, o que já seriam qualidades da artista que foi.

Mas o mais impressionante nesta personagem é que para além da ilustradora científica, ela praticou o que chamo de “ciênciarte” que é uma forma de conscientizar-se da responsabilidade social para com valores tais como: fidelidade, honestidade, olhar o outro como se fosse seu espelho, praticar a paciência, mas por causa disso, encontrar maravilhosos resultados.

Maria Werneck, não se satisfez em pintar. Não era suficiente. Por isso, embasada teoricamente, fez literatura do maior gabarito e comunicou ciências várias, com seus escritos. Em primeira instância, foi incansável pesquisadora, que buscava não apenas o registro, portanto o resultado, mas ao contrário, acompanhava atentamente todo o processo, contextualizava e só então agia, escrevendo ou fazendo com que determinado fato chamasse a atenção tanto de políticos quanto da comunidade científica.

E estando em uma Brasília com 50 anos, totalmente urbanizada, procuro ao longo de seus jardins, vestígios da flora nativa! Que tal comemorarmos o cinquentenário de Brasília repaginando seus jardins, tentando ao menos reproduzir o que ali era, ainda que seja um pequeno referencial?

E eu estava ali, levando comigo a história dessa mestra, uma apresentação em Power point, que ilustrasse um pouquinho , sua magnífica contribuição, para quantos se dispusessem a ouvir !

E por isso recorri aos instrumentos que ela me ensinou como essenciais: a pesquisa, a busca de dados, um novo olhar sobre a sua iconografia, e compus com esse pequeno mosaico, parte dessa história, que agora relato.

Com o término da exposição e a interação com os participantes do evento, tive o imenso prazer de ver que mesmo após 11 anos de sua partida, Maria Werneck de Castro, desperta admiração e respeito em qualquer lugar que seu nome seja mencionado.

Seu poder transformador e de educadora, sua humildade quase franciscana, seu estar entre “doutores” e poder, discutir com eles, em cada qual de suas próprias especialidades, a transformaram em “doutora na arte de viver”, frase do embaixador Rubens Ricúpero. A reverência com que o professor Luiz Emydio de Mello Filho, lhe devotava, era destinada somente aos grandes, com quem sempre temos o que aprender, embora tivessem ambos ao mesmo tempo destinados a ouvir com sinceridade os pequenos.

E se hoje estamos tentando somar os saberes, com rara sabedoria, ela já o fazia bem antes de nós.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

ARAUJO, Delfina de. Dona Maria Werneck de Castro fala de suas experiências como ilustradora científica e botânica e de sua vida. **Orchid News, nº8**. Disponível em <<http://www.delfinadearaujo.com/on/on08/textdel.htm>> , Acesso em 10/10/2010.

ARAUJO, Delfina de. A história da ilustração botânica no Brasil e o lugar ocupado por dona Maria Werneck de Castro. **Orchid News, nº8**. Disponível em <<http://www.delfinadearaujo.com/on/on08/textdel.htm>>, Acesso em 10/10/2010

CASTRO, Moacir Werneck de. **Natureza viva: memória, carreira e obra de uma pioneira do desenho científico no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

CASTRO, Moacir Werneck de. (Org.). **No tempo dos barões: história do apogeu e decadência de uma família fluminense no ciclo do café**. Ed. Bem-Te-Vi

Jornal Correio Braziliense. Atelier, 14 de janeiro de 1971

Jornal Correio Braziliense. 29 de agosto de 1994.